



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
HOSPITAL DE PEDIATRIA PROFESSOR HERIBERTO FERREIRA
BEZERRA
RESIDENCIA INTEGRADA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE

**CONCEPÇÃO DE MORTE NA CRIANÇA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE
LITERATURA**

Discente: Sayonara Oliveira Freitas

Natal/Fevereiro
2012

Sayonara Oliveira Freitas

CONCEPÇÃO DE MORTE NA CRIANÇA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Artigo apresentado para conclusão de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde área de concentração Psicologia com a orientação da Dra. Eulália Maria Chaves Maia e co-orientação Dra. Luciana Carla Barbosa de Oliveira.

Natal/Fevereiro
2012

CONCEPÇÃO DE MORTE NA CRIANÇA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Conception of death in child: a systematic literature review

RESUMO

A concepção de morte é um desafio cognitivo universal, principalmente na infância, em que se vê o mundo como uma grande descoberta. A princípio, a criança não possui alguns aspectos essenciais para compreender esse fenômeno, tais como: irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade. O presente estudo propõe-se a avaliar a literatura científica da área com o objetivo de verificar como as crianças entendem a morte, buscando investigar temas convergentes nos artigos publicados. A pesquisa bibliográfica sistemática foi realizada a partir da busca eletrônica de artigos indexados em base de dados: *MedLine*, *LILACS*- Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Periódico da CAPES e Scielo BR. As consultas incluíram o período de 2001 a 2010. Foram encontrados 1020 artigos num primeiro rastreamento nas bases de dados. Um total de 460 eram textos na íntegra, desses 12 produções atenderam às exigências requeridas. Os resultados apontam que existe um consenso em relação à concepção evoluir de acordo com progresso cognitivo da criança. Nesse progresso, há três níveis de desenvolvimento do conceito de morte que podem ser descritos, nos diferentes períodos de desenvolvimento cognitivo: Pré-Operacional, Operacional Concreto e Operacional Formal. A respeito da evolução do conceito de morte, os resultados da pesquisa nas bases de dados eletrônicas confirmam que existe uma relação entre a evolução desse conceito e o nível de desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, é necessário que haja uma discussão dessa temática com as crianças a partir da sua capacidade cognitiva, considerando o seu contexto biopsicossocial que está em seu entorno.

Palavras-chave: Morte; criança; atitude frente à morte.

ABSTRACT

The conception of death is a cognitive challenge for everyone, mainly in childhood when the world is seen as a big discovery. At first, the child does not have some essential aspects to understand this phenomenon, such as: irreversibility, no functionality and universality. The present article proposes to evaluate the scientific literature of the area, seeking to verify how the children understand the death, by investigating the converging themes in the published articles. The research literature was systematically done by means of electronic search of indexed articles in databases: *MedLine*, *LILACS*- Latin-American and Caribbean Literature on Healthcare science, CAPES and Scielo BR journals. The researches included the pieces from 2001 to 2010. 1020 articles have been found when first browsing the databases. A total of 460 full-length texts were displayed; 12 out of this corpus have met the necessary requirement. The results point out that the conception of death develops with the cognitive evolution of a child. There are three levels of cognitive development: anti-operational, concrete operational and formal operational. The results of such research in the electronic databases relate the evolution of the concept of death to the level of cognitive development. Therefore, it is necessary that we have a discussion about it with the children according to their cognitive aptitude, considering the holistic context that surrounds them.

Keyword: Death; child; Attitude to Death.

INTRODUÇÃO

A finitude do ciclo vital é um fator bastante intrigante ao ser humano. A Filosofia é um campo que demonstrou um crescente interesse pela temática. A escola de pensamento existencialista foi uma delas, dentre tantas outras que já se foram, abordando em diversos estudos a morte uma pergunta retórica interminável, principalmente no que se refere ao significado de morte para os indivíduos em seu ciclo vital.

A concepção de morte é um desafio cognitivo para todos e principalmente na infância, fase esta, em que se vê o mundo como uma grande descoberta. A criança depara-se com o novo, aprende outros significados e funcionamento dos componentes do universo na qual está inserida. São em suas primeiras vivências de perda, do seio materno, da presença quase onipresente da mãe, do primeiro dente de leite, entre outros, que a criança vai construindo o que é a finitude. Conforme Schwan & Ramires (2011), “o afastamento do núcleo familiar pode produzir o rompimento dos vínculos afetivos com os objetos primários e incidir negativamente sobre o desenvolvimento saudável na infância” (463). As perdas concretas de pessoas e outros seres vivos fazem com que o infante signifique ao longo dos avanços cognitivos uma concepção do que seja para ela a morte.

A princípio, a criança não possui alguns aspectos essenciais para compreender esse fenômeno, tais como: a) *a irreversibilidade* cujo significado refere-se ao corpo físico não poder mais retornar a vida depois da morte; b) *a não-funcionalidade* é o cessar das funções de vida do corpo físico com a morte e; c) a universalidade que é compreender que todos os seres vivos terão esse fim. É observando o que acontece com ela e no seu entorno que se vai apreendendo o que é esse fenômeno. Tal aspecto é

necessário ser compreendido, visto que é um dos princípios organizadores mais relevantes da vida. Neste sentido, estes fatores acarretarão em um grande impacto na formação da personalidade, no desenvolvimento cognitivo e na concepção de mundo do indivíduo (Kovács, 1992; Torres, 1999).

Algumas teorias psicológicas foram sugeridas para o entendimento desse fenômeno. A psicanálise ortodoxa afirma que as preocupações e pensamentos acerca da morte somente aparecem depois do período edipiano, como produto simbólico do medo da castração (Torres, 1999). Já a epistemologia genética refere que o entendimento dos conceitos somente se dá quando as estruturas cognitivas da criança atingem as operações formais, no início da adolescência.

Outros teóricos do século XX também discutiram isso. Referenciado por Torres (1999), estudiosos como: Maurer (nasc./morte), observou que a criança antes dos 2 anos descobre a morte, através da percepção dos diferentes estados da existência: o “ser” e o “não ser”. Gessel, Ilg & Ames (1971) verificaram que a criança antes dos 2 anos não tem nenhuma compreensão de morte; não chega a sequer se aproximar da concepção do adulto. Kastenbaum & Aisenberg (1983) ressaltaram que há muitas formas pelas quais a criança pode entrar em relação com a morte, este é o primeiro desafio intelectual e estímulo para seu contínuo desenvolvimento. Contudo, os primeiros a falarem dos componentes do conceito de morte foram Schilder & Wechsler (1934), abordando o conceito como não unitário, exigindo assim, uma abordagem multidimensional. Nesta pesquisa realizada por Torres (1999), foi possível detectar a associação do desenvolvimento do conceito de morte em relação à idade cronológica. Diversos autores se deteram ao desenvolvimento do conceito de morte em relação a estrutura geral do desenvolvimento cognitivo. Todavia, há outros autores mencionados que compreendem o desenvolvimento do conceito de morte em situações socioexperenciais de confronto

com a morte, tais como: a experiência de perda, a experiência com a terminalidade, a experiência suicida e a experiência de privação socioeconômica e cultural.

No Brasil, o pioneirismo nesta temática se deve a Torres (1999) que pesquisou, no Rio de Janeiro, 183 crianças de 4 a 13 anos, explorando a relação entre o desenvolvimento cognitivo e a evolução do conceito de morte, em três dimensões: extensão, duração e significado. A partir da teoria dos períodos do desenvolvimento cognitivo segundo Piaget, esta autora chegou aos seguintes resultados:

- Período pré-operacional (2 a 7 anos): as crianças não distinguem seres animados dos inanimados e têm dificuldades para perceber uma categoria de elementos inorgânicos. É difícil separar a morte da vida, não a percebem como definitiva e irreversível.
- Período das operações concretas (7 a 11 anos): as crianças distinguem seres animados dos inanimados, mas não há logicidade e categorias de causalidade de morte.
- Período das operações formais (acima dos 11): as crianças reconhecem a morte como um processo interno, implicando em parada das atividades corporais e compreensão das categorias essenciais.

Kovács (1992), além de trazer os períodos descritos por Torres (1999), acrescenta o Período sensório motor (0 a 2 anos), no qual para a autora, a morte é a separação da vivência com a mãe, sentida como aniquilação e abandono.

Neste sentido, o presente estudo propõe-se a avaliar sistematicamente a literatura científica da área, com o objetivo de verificar como as crianças entendem a morte, buscando investigar temas convergentes nos artigos publicados. Considera-se para este artigo que a revisão bibliográfica preocupa-se em buscar novas evidências que

permitam entender como a criança compreende a morte para possibilitar a organização e análise de dados.

DESENVOLVIMENTO

1. MÉTODO

A pesquisa bibliográfica sistemática, segundo Pompeo, Rossi & Galvão (2008), é “um método que permite gerar uma fonte de conhecimento atual sobre o problema e determinar se o conhecimento é válido para ser transferido para a prática” (435). Foi realizada a partir da busca eletrônica de artigos indexados em base de dados: *Medical Literature Analyses and Retrieval System Online* (MedLine), *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS), *Periódico da CAPES* e *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). As consultas incluíram o período de 2001 a 2010.

A amostra compreendeu artigos indexados publicados em periódicos que seguiu os seguintes critérios de inclusão: a) Veículo de publicação: optou-se por periódicos indexados, visto que divulgam mais os artigos e são de fácil acesso; b) Idioma de publicação: artigos publicados na íntegra em língua inglesa, portuguesa e espanhola; c) Ano de publicação: selecionou-se artigos do período de 2001 a 2010; d) Modalidade de produção científica: foram buscados artigos relacionados a área da Psicologia; e) Referências que tratassem os descritores empregados: criança, morte e atitude frente à morte.

O estudo foi norteado, inicialmente, pela incidência de artigos publicados no período de 2001 a 2010, em revistas indexadas a base de dados a MedLine, LILACS, Periódico da CAPES e Scielo BR, sobre o tema “a concepção de morte na criança”. Para isso, foram utilizados a intersecção dos descritores (palavras-chave): morte *and* criança,

death and child, muerte and niño, atitude frente a morte and criança, attitude to death and child, actitud frente a la muerte and niño.

As publicações foram selecionadas de acordo com os critérios de inclusão das referências. E realizado um levantamento preliminar através da leitura seletiva dos resumos encontrados. Após isso, foram recuperados os *papers* na íntegra, conformando o material de análise, proporcionando um tratamento mais apurado dos dados. Com as produções, foi feita uma leitura seletiva e total de cada pesquisa, identificando as ideias centrais, a divisão dos principais achados e a síntese dos resultados.

A fim de melhorar a organização e compreensão do material encontrado, os dados foram devidamente tabulados, sendo resultados analisados seguindo uma categorização, através de 11 dimensões descritas a seguir: título, autores, revista/ano de publicação, base de dados, objetivos, participantes (critérios para seleção da amostra; tipo de amostra), intervenção (procedimentos utilizados), local onde a pesquisa foi realizada (cidade/estado/país/local), resultados obtidos, limites/dificuldades e conclusões/considerações finais. A partir disso, foi realizada a análise dos conteúdos dos artigos, com o intuito de se obter um cenário da produção nacional e internacional sobre a concepção de morte na criança.

Dessa maneira, por meio de rigorosos critérios, artigos que exploram a concepção de morte ao longo da infância, das 4 bases de dados utilizadas, acredita-se que os artigos selecionados sejam os atuais mais relevantes sobre o tema pesquisado.

2. RESULTADOS

Foram encontrados 1020 artigos no primeiro rastreamento nas bases de dados. Foi obtido um total de 460 eram textos na íntegra, desses 12 produções atenderam as exigências requeridas, dispostas na tabela 1. Desses 12 artigos: 4 revisões de literatura, 3 estudos de caso, 1 revisão sistemática, 1 estudo exploratório (qualitativo), 1 estudo exploratório (quantitativo), 1 pesquisa descritiva e 1 estudo antropológico. A tabela 2 mostra um resumo dos artigos revisados.

Tabela 1. Resultado da busca de artigos sobre a concepção de morte na criança

PESQUISA	TEXTOS ENCONTRADOS	TEXTOS COMPLETOS	TEXTOS COM EXIGÊNCIAS REQUERIDAS
Morte/criança	714	327	10
Atitude frente à morte/ criança	306	133	2
Total	1020	460	12

Fonte: Freitas, Maia & Oliveira (2012)

Os artigos pesquisados são a literatura mais recente publicada em bases eletrônicas. Percebe-se que a produção está sendo mais relacionada à área da Psicologia (8 artigos), mas também há artigos nas áreas da Medicina e da Enfermagem (2 em cada).

Alguns textos são recorrentes nas bases de dados, aparecendo mais de uma vez: Torres (2002) e Almeida (2005), que foram encontrados em 3 bases; Franco & Mazorra (2007), Zañartu et al (2009) e Borges et al (2006) em 2 bases eletrônicas.

As publicações indexadas são, em sua maioria, produções brasileiras, 10 artigos, e duas latino-americanas. Apenas uma autora Torres (2002) tem outras publicações na questão requerida.

Os anos das publicações dos artigos, tabela 2, são, a grande parte, da segunda metade da década de 2010. Apenas 1 artigo era mais recente (2011).

Há um consenso nas produções em relação à concepção de morte evoluir de acordo com a evolução cognitiva da criança. Existem três níveis de desenvolvimento do conceito de morte que podem ser descritos nos diferentes períodos de desenvolvimento cognitivo: Pré-Operacional, Operacional Concreto e Operacional Formal. Contudo, alguns divergem quanto à influência da situação socioeconômica, cultura e experiência pessoal da criança.

Tabela 2. Estudos sobre a concepção de morte na criança

ESTUDO	TIPO DE ESTUDO	AMOSTRA	ANO	PRINCIPAIS RESULTADOS
Poles & Bouso	Revisão sistemática	40 artigos	2009	Poucos artigos trazem a definição de morte digna da criança e, quando ocorre, a definição é vaga e ambígua entre os vários autores.
Torres	Estudo exploratório (quantitativo)	167 crianças portadoras de doença crônica e 142 crianças sem doenças	2002	Defasagem cognitiva, em crianças carentes, em relação aos padrões piagetianos não encontrou-se agravada nas crianças doentes.
Jucá et al.	Estudo exploratório (qualitativo)	12 crianças, 9 dos seus responsáveis e 4 educadores	2007	Os pais apresentam dificuldades ao abordarem o tema com as crianças, estas expressadas em suas vivências cotidianas (escola, através da fala e brincadeiras).
Borges et al.	Revisão de literatura	de Revisão não sistemática	2006	Na criança, a percepção da morte modifica-se conforme se desenvolvem o pensamento e a linguagem. Já o adulto, a concepção da morte depende de sua experiência física e psicológica. Por fim, no idoso a morte tem uma melhor aceitação e sua percepção depende da satisfação previamente auferida com a vida.
Zañartu et al.	Revisão de Literatura	de Revisão não sistemática	2008	A compreensão de morte evolui conforme as fases de desenvolvimento de Jean Piaget.
Franco & Mazorra	Estudo de caso	de 5 crianças de ambos os sexos de 3 a 8 anos	2007	Foram apresentadas: fantasias de aniquilamento, culpa, castração, onipotência, rejeição, identificação, retaliação, idealização e desidealização do objeto perdido; agressividade, negação, regressão, reparação, repetição da situação da perda.
Almeida	Pesquisa descritiva (qualitativa)	33 relatórios de sessões ludoterápicas com crianças de 2 a 5 entre 1997 a 1999	2005	Foram identificadas quatro categorias de significados: as perdas sofridas com a hospitalização, a percepção da hospitalização como uma nova situação de vida, a capacidade de dominar a situação através do brinquedo e a presença da morte concreta na brincadeira.
Vendruscolo	Estudo de Caso	de 2 crianças (3 e 5 anos)	2005	O atendimento psicológico demonstrou ser imprescindível nas situações em que a criança vivencia questões relacionadas à morte.
Teixeira	Estudo de Caso	de Uma criança de 1 ano	2006	Escuta analítica abriu espaço para a fala, para a construção de narrativas no contexto de vida de crianças e seus pais.
Cohn	Estudo Antropológico	Crianças de um grupo indígena do Norte do Brasil	2010	A pista da ornamentação corporal foi abordada como reveladora e rentável, para as semelhanças e diferenças da morte, no destino <i>post mortem</i> , enterro e enlutamento.

Bernier L	Revisão de Literatura	de	Revisão não sistemática	2004	Foi detectado a necessidade de informar a família sobre a morte.
Nascimento et al.	Revisão de Literatura	de	Revisão não sistemática	2005	A enfermagem está construindo um conhecimento específico sobre as necessidades individuais, culturais e regionais das famílias de crianças com câncer, para uma assistência de enfermagem que considere o cuidado de acordo com a singularidade de cada caso.

Crianças com experiências significativas de perdas simbólicas e concretas tendem a ter uma concepção de morte mais avançada apesar do estágio cognitivo em que estão inseridas, bem como nos infantes hospitalizados ou que sofrem de doenças crônicas.

Para compreender e avançar nessa concepção, a criança através da fala e das brincadeiras, bem como das experiências vividas em sua comunidade vai elaborando para si o que é a finitude. Contudo, para que essa concepção avance de maneira significativa os textos apontam que é necessário que os pais ou cuidadores e a escola mantenham um diálogo aberto e conciso sobre essa temática, adequando o discurso a capacidade cognitiva da fase que a criança se encontre.

A ampla maioria das produções discute que os padrões de desenvolvimento cognitivos de Jean Piaget (1896-1980) devem ser levados em consideração quando se propõe falar sobre esse assunto. Não trazem outras concepções de outros autores mais contemporâneos sobre os estágios de desenvolvimento cognitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artigos pesquisados não traziam como principal temática o tema pesquisado, este era, muitas vezes, expresso para introduzir uma temática relacionada.

As produções encontradas não selecionadas, em sua maioria, tinham apenas o uso de descritores pesquisados (criança, morte e atitude frente à morte), mas a sua temática não se relacionava a pesquisa em questão.

A temática, por ainda ser considerada um tabu por grande parte da sociedade, é inexpressivamente discutida. Isso é expresso na quantidade de artigos resgatados que convergem com a temática. Vale ressaltar que com a morte da teórica Wilma da Costa Torres (1934-2004) a produção nesse sentido de entender como as crianças compreendem a morte está sem expressividade nos meios acadêmicos.

A respeito da evolução do conceito de morte, os resultados da pesquisa das bases de dados eletrônicas confirmam que existe uma relação entre a evolução desse conceito e o nível de desenvolvimento cognitivo proposto por Piaget.

Todavia, com o avanço das comunicações e o acesso a uma gama de informações, as crianças, em grande parte de mundo, não estariam com os estágios de desenvolvimento cognitivo propostos mais acelerados? É preciso mais pesquisas na área que possam dar subsídios mais atuais acerca do tema proposto.

Dessa forma, é necessário que haja uma discussão dessa temática com as crianças a partir da sua capacidade cognitiva na atualidade, considerando o seu contexto biopsicossocial que está em seu entorno e as demandas e peculiaridades dos tempos modernos. Uma vez que, esse tema inquieta qualquer ser humano, principalmente estes infantes que estão descobrindo o mundo e de seu funcionamento, como também na

importância do tema nas práticas do cuidado à criança e na preparação dos profissionais na formação e educação permanente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Almeida, F.A. (2005). Lidando com a morte e o luto por meio do brincar: a criança com câncer no hospital. *Boletim de Psicologia*, 1, 149-167.
2. Borges, A.D.V.S., Silva, E.F., Toniollo, P.B, Mazer, S.M., Valle, E.R.M. & Santos, M.A. (2006). Percepção da morte pelo paciente oncológico ao longo do desenvolvimento. *Revista Psicologia em Estudo*, 1, 361-369.
3. Bernier, L. (2004). Muerte y duelo em el niño, *Revista de Pediatria Eletrônica*, 1, 21-24.
4. Cohn, C.(2010). A criança, a morte e os mortos: o caso mebengokré-xikrin. *Horizontes Antropológicos*, 16, 93-115.
5. Franco, M.H.P. & Mazorra, L. (2007). Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Revista Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24, 503-511.
6. Jucá, V.J.S., Silva, A.C.N., Passos, C.M., Castro, G.A., Melo, G.B., Tortorella, I., et al. (2007). Significando a morte, através de redes sociais, em um contexto de vulnerabilidade social – um estudo com crianças pré-escolares, seus pais e professores. *Revista Psicologia & Sociedade*, 1, 122-130.
7. Kóvacs, M.J. (1992). Morte no processo do desenvolvimento humano. A criança e o adolescente diante da morte. In: Kóvacs, M.J. *Morte e desenvolvimento humano*. (pp. 49-58). São Paulo: Casa do Psicólogo.
8. Nascimento, L.C., Rocha, S.M.M., Hayes, V.H. & Lima, A.G. (2005). Crianças com câncer e suas famílias. *Revista Escola de Enfermagem da USP*, 4,469-475.
9. Poles, K. & Bousso, R.S. (2009). Morte digna da criança: análise de conceito. *Revista Escola de Enfermagem da USP*. 1, 215-222.

10. Pompeo D.A., Rossi L.A., Galvao C.M. (2008) Revisão integrativa: etapa inicial do processo de validação de diagnóstico de enfermagem. *Acta Paulista Enfermagem*, 22(4), 434-438.
11. Schwan, S. & Ramires, V. R. R. (2011). Depressão em crianças: uma breve revisão de literatura. *Psicologia Argumento*, 29 (67), 457-468.
12. Teixeira, L.C. (2006). Morte, luto e organização familiar: à escuta da criança na clínica psicanalítica. *Psicologia Clínica*, 2, 63-76.
13. Torres, W.C. (2002). O conceito de morte em crianças portadoras de doenças crônicas. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 221-229.
14. Torres, W.C. (1999). *A criança e a morte: desafios*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
15. Vendruscolo, J. (2005). Visão da criança sobre a morte. *Medicina (Ribeirão Preto)*, 1, 26-33.
16. Zañartu, C, Krämer, C & Wietstruck, M.A. (2009). La muerte y los niños. *Revista Chilena Pediatría*, 4, 393-397.